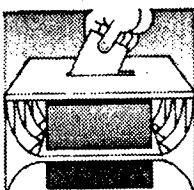


Governo Sarney enche urna da oposição

Ministros preferem Covas e Collor, mas no Palácio do Planalto existem até brizolistas

**ARIOSTO TEIXEIRA
e GRACA RAMOS**



BRASILIA — O presidente José Sarney insiste em dizer que não tem candidato para substituí-lo na Presidência da República, embora simpatize com a candidatura de Sílvio Santos. Mas, ao declarar seu voto em Mário Covas, candidato do PSDB às eleições do dia 15, a ministra do Trabalho, Dorothea Werneck, abriu a temporada de discussões sobre as preferências de seus colegas de ministério. Afinal, como vota o governo Sarney?

De composição eclética, fruto das sucessivas alianças políticas que foram feitas durante o mandato de Sarney, o Ministério também se divide quanto ao candidato que deverá presidir o País a partir de 15 de março. Há votos para Ulysses Guimarães, candidato do PMDB, uma simpatia de setores militares por Guilherme Afif Domingos, do PL, eleitores de Fernando Collor de Mello (PRN) e o grupo de fiéis amigos do presidente que se mantém na mesma indefinição do chefe — ou, pelo menos, se diz indefinido.

Sarney não apóia abertamente nenhum dos candidatos em nome do que chama de "encerramento da transição do autoritarismo para a democracia" e do seu direito de se comportar como um magistrado. Mas, acima do seu gabinete, no quarto andar do Palácio do Planalto, o chefe do Serviço Nacional de Informações, general Ivan de Sousa Mendes, se prepara para votar no candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, fazendo justiça à fama de ser "o melhor general do PMDB", atribuída por adversários.

Ao lado de Mendes, o chefe do Gabinete Militar, general Rubens Bayma Denys, não revela seu voto. Seria de Jânio Quadros, se estivesse na disputa, mas, segundo alguns ami-

Os eleitos pelo Planalto

A maior parte dos ministros e familiares do presidente José Sarney já se insinua por algum candidato



gos, a escolha recairá sobre Guilherme Afif Domingos, do PL. O pai de Denys, marechal Odylio Denys, foi ministro da Guerra de Jânio, daí a simpatia pelo ex-presidente.

Outro janista histórico que ainda está sem candidato é o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira. "Na semana que vem vou me decidir", promete. No Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, cujo prédio é vizinho ao de Aparecido, o ministro Roberto Cardoso Alves parece bem decidido a votar em Collor. Mas o voto dele pode ir também para Ronaldo Caiado, do PSD, ou Paulo Maluf, do PDS.

No outro lado da Esplanada

dos Ministérios, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, não declara publicamente o voto que todo mundo já conhece: Fernando Collor de Mello.

Antônio Carlos se esforçou para que a denominada "operação Chaves", armada para lançar Sílvio Santos no lugar de Aureliano Chaves (PFL), fosse frustrada. Sílvio Santos na disputa rouba votos de Collor e era exatamente isso o que imaginava um outro ministro de Sarney, João Alves, do Interior, ao patrocinar, em sua casa, as negociações para substituir Aureliano pelo apresentador de televisão. Quando a manobra foi denunciada por Magalhães, Aure-

liano desistiu da negociação e João Alves se recolheu. "Só participava da substituição quando isso dizia respeito ao meu partido (PFL)", esquivou-se ele, que votará em Sílvio Santos.

A decisão de Sarney de preferir subir no muro da indefinição a indicar um candidato, tem contrariado alguns ministros. Carlos Sant'Anna, da Educação, e Iris Rezende, da Agricultura, tentaram comprometer o presidente com pelo menos a garantia de que se definirá por um lado no segundo turno, o que ajudaria os moderados do PMDB a apoiar um candidato conservador.

Sarney recusou a proposta

e adiou por três vezes seguidas um encontro com o grupo. Quando decidiu encontrá-los, convidou tanta gente que se tornou impossível uma conversa formal. Sant'Anna continua indefinido, enquanto Resende jura que o seu voto será de Ulysses Guimarães. O mesmo juramento é feito pelo ministro da Previdência, Jader Barbalho, mas que, segundo assessores de Collor, votará no candidato, do PRN no segundo turno. Embora não declare publicamente, Ulysses também é o candidato do chefe do gabinete civil, Ronaldo Costa Couto.

Na área econômica, o candidato do PSDB continua fazendo o sucesso que fez junto a Do-

rothea. O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, também é Covas. E seu colega, o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, já confidenciou sua preferência pelo candidato tucano.

A dúvida quanto ao próximo presidente desceu do primeiro escalão do governo e chegou ao segundo time. O ex-porta-voz de Sarney e atual presidente do Ibama, Fernando César Mesquita, entrou de solá na campanha de Leonel Brizola e pregou um adesivo do candidato no seu carro. "É a melhor opção", diz. O presidente do Banco Central, Wadico Bucchi, tuca-nou.